

AS LONDON RIOTS NO BRASIL E NA INGLATERRA: Comparações discursivas e conflitos semânticos nos jornais

*Nathalia Pereira BUSTAMANTE ABREU*³⁵
*Wedencley ALVES*³⁶

RESUMO: Este estudo tem por objetivo entender os conflitos que acontecem em ambientes urbanos buscando compreender, pela análise do discurso, sua relação com o meio e com a mídia. Discursivamente, o ambiente citadino é encarado como uma construção de sentido, e o ataque a este ambiente pode ser observado como um ataque direto aos discursos vigentes. Analisando o caso das revoltas de Agosto de 2011, em Londres, procuramos entender o papel da imprensa, especialmente dos jornais escritos, nas atribuições de sentido aos acontecimentos e consequente construção de um discurso urbano, comparando, para isso, a cobertura dos jornais locais ingleses entre si e, por fim, com jornais brasileiros, apontando aproximações e distanciamentos.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; discurso; revoltas; cidade; cobertura internacional

1. Introdução

A cidade se organiza de acordo com os costumes de seus habitantes, sua história, suas lembranças e seus conflitos. Isso é válido tanto para as pequenas cidades que se formaram no início da história humana, com o fim do nomadismo, como para as grandes capitais globalizadas do nosso século. Cada cidade tem uma lei social, construída diariamente e contestada constantemente. A mídia tem um papel expressivo nessa construção do discurso citadino, pelo simples fato de dar nome às coisas e aos acontecimentos. Seu poder é ainda

³⁵ Aluna de graduação em jornalismo, do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: nathalia_elenove@yahoo.com.br

³⁶ Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: wedenn@yahoo.com.br

maior pelos significados que essa nomeação carrega: as atribuições de sentido que se agregam à vida urbana.

Tomamos o caso de agosto de 2011, em Londres, para identificar como acontece essa construção de sentido pelos jornais impressos. A escolha dos jornais britânicos se deu pela relevância, circulação e credibilidade – mas não só por isso. *The Guardian*, *The Daily Telegraph* e *Daily Mirror* foram escolhidos pela similaridade de suas fotos de capa, o que reduz as variantes da análise, direcionando o foco para o discurso produzido ao redor da imagem. Para a escolha dos jornais brasileiros, pensou-se em dois jornais de ampla circulação nacional: *Folha de S. Paulo* e *Estado de São Paulo* são, ambos, diários fortes no cenário brasileiro. Assoma-se a esses atributos, o fato de serem jornais da mesma cidade brasileira, o maior centro econômico do país: São Paulo. Assim como, para os jornais britânicos, foram escolhidos apenas periódicos londrinos, a escolha de publicações apenas paulistas exime-nos das variantes compostas pelos diferentes discursos citadinos.

A análise é voltada para a compreensão dos sentidos atribuídos pelos jornais às revoltas populares. Desta forma, esta pesquisa está inserida não apenas no âmbito da comunicação, ao buscar tratar do relacionamento mídia/discurso/realidade, mas também, de certa forma, no âmbito das discussões sobre as cidades, próprias às Ciências Sociais. O foco, no entanto, é sempre a linguagem, neste caso, a linguagem da mídia.

Enxergar a cidade e as contradições que carrega como uma afirmação de sentidos é um passo para entender as revoltas que nela acontecem e suas motivações.

2. O Acontecimento Histórico³⁷

As revoltas de agosto de 2011, em Londres (noticiadas como “*London Riots*”), surpreenderam a muitos pela rapidez com que se espalharam e pela violência de suas manifestações. A causa imediata dos protestos foi o assassinato, pela polícia metropolitana, de um morador do distrito londrino de Tottenham. Mark Duggan, segundo o IPCC (órgão independente britânico que investiga ações violentas da polícia), estaria sendo investigado por crimes na comunidade negra, e a morte ocorreu durante uma tentativa de prisão.

³⁷ A descrição dos acontecimentos é baseada em uma síntese da cobertura da imprensa, local, de veículos grandes ou independentes.

No dia 6 de agosto, parentes e amigos da vítima organizaram uma passeata pacífica, para cobrar justiça das autoridades locais. A marcha parou em frente à sede policial de Tottenham, com a exigência de que a superintendência da polícia local prestasse esclarecimentos sobre o caso. Enquanto os cerca de 200 manifestantes esperavam que algum comandante chegasse a Tottenham, uma multidão juntou-se a eles. O estopim para o início do tumulto foi o rumor de um ataque da polícia a uma garota de 16 anos. A alegação da polícia é que a menina estaria representando riscos, por brandir uma garrafa de vidro.

Em sete de agosto, as notícias sobre o acontecimento em Tottenham se espalharam para outros distritos da cidade, que se mobilizaram em suas próprias manifestações. Na noite desse mesmo dia, seis localidades, incluindo o centro da cidade, registraram protestos violentos. No dia 8, a cidade foi palco de uma onda de saques e incêndios – foram 16 os bairros atingidos. Outras cidades, como Gloucester e Birmingham, também tiveram protestos semelhantes.

No dia 9 o policiamento na capital britânica foi reforçado. Em outras cidades próximas, porém, a manifestação continuou, chegando a atingir localidades mais distantes, ao norte da Inglaterra. Em 10 de agosto, os protestos cessaram em Londres, acompanhando as ações policiais: mais de 3000 pessoas foram presas. Em localidades próximas a Liverpool e Manchester, os protestos continuaram ainda no dia 10.

Em 1985, uma revolta semelhante à de 2011 aconteceu no mesmo distrito de Tottenham. As motivações também foram semelhantes. Em 8 de outubro daquele ano, uma mulher afro-caribenha morreu ao ter um ataque do coração enquanto a polícia revistava sua casa. Esse foi o estopim para a revolta, em um contexto em que a tensão entre a Polícia Metropolitana e a comunidade negra local estava exaltada. No dia seguinte, houve uma manifestação em frente ao posto policial de Tottenham, e o confronto entre manifestantes e policiais foi violento.

Na última década, a capital britânica foi por diversas vezes palco de manifestações, por vezes violentas, como os atentados a bombas em estações de metrô, em 7 e 21 de julho de 2005, outras quase pacíficas, como os protestos na ocasião da reunião da Cúpula do G-20, em 2009.

Não são raras as organizações de passeatas e protestos em Londres contra medidas governamentais. Só os últimos três anos registraram pelo menos quatro manifestações de

grande porte: Em 2009, uma grande marcha acompanhou o Encontro da Cúpula do G-20, fazendo reivindicações e levantando pontos de discussão que iam de mudanças climáticas à guerra contra o terrorismo. Em 2010, houve protesto estudantil contra as reduções de investimento em educação em todo o Reino Unido, com foco principal em Londres. Em 2011, foi realizada uma passeata contra o anúncio de cortes de gastos governamentais.

3. A “cidade” como textualidade e como espaço de discursividades

Evitando entrar em discussões filosófico-teóricas sobre linguística, em um sentido prático a linguagem é reconhecida pela Associação Americana de Discurso-Linguagem-Escuta (ASHA) como “um complexo e dinâmico sistema de símbolos convencionados, usados em vários modos para pensamento e comunicação”. Assim, a fala, o gesto, a arte, a dança são formas tradicionais de linguagem.

Disciplinas como a Análise de Discurso, por exemplo, vêm em toda produção de sentido e troca de informações uma possibilidade de linguagem – e é através dela que enxergamos a construção da cidade como uma afirmação discursiva. Raquel Rolnik explica que “construir cidades é também uma forma de escrita”:

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 2004, p. 17)

Uma forma de escrita que, ainda segundo Rolnik, serve para organizar o território em uma razão política. Já Pêcheux (2008) percebe a linguagem como um terreno de conflitos políticos e simbólicos, onde os sentidos são movimentados. Nesta visão, a cidade, como conjunto de linguagem, seria palco de um discurso político dominante onde combatem as esferas do social e do popular, na tentativa de criar e modificar significados atribuídos.

Cada cidade teria, assim, a partir de sua formação histórica, social, de sua vocação econômica e suas características culturais, um discurso próprio. Ramos e Pimentel (2011, p. 132) sintetizam essa percepção, entendendo a narratividade urbana como formulação linguística da cidade e do seu social – são gestualidades, trajetos urbanos e corporificações por onde a cidade se expressa e se significa.

4. Lutas contra os sentidos institucionalizados

Ao compreendermos a cidade como forma de discurso institucionalizante de uma ordem (social, política, cultural), pode-se compreender, por consequência, as revoltas ocorridas no espaço urbano como um afrontamento a esses sentidos institucionalizados pelos discursos vigentes.

O “combater a cidade” ao invés de combater certo grupo ou certa ideologia mostra a correlação entre o social e discurso cidadão na percepção popular: o povo enxerga no ataque ao urbano uma saída para manifestação, pacífica ou não, carregada de simbologia. “Na passeata, comício ou barricada a vontade dos cidadãos desafia o poder urbano através da apropriação simbólica do terreno público.” (Rolnik, 2004, p. 25). É o caso de Londres, onde, apesar de os protestos serem direcionados à ação policial em bairros marginalizados, o foco das manifestações foi a depredação do espaço público. Os alvos dos protestos londrinos não foram nem postos de polícia nem órgãos do governo: foi a própria cidade.

Cabe, aí, contextualizar as pressões sociais e étnicas vividas pela população marginalizada da Inglaterra. Hall (2001, p. 61) explica que, a despeito do ideal instituído, o estado nacional britânico não era formado por culturas homogêneas e unificadas até a explosão imigratória do pós-Guerra. Desde sempre, diferentes povos, como irlandeses e gauleses, compunham o “ser britânico”. Com as correntes migratórias pós-coloniais e no pós-Segunda Guerra, a periferia global ocorreu à antiga metrópole – e, neste momento, os diferentes povos britânicos teriam se unificado ideologicamente para contrapor-se ao imigrante heterogêneo, especialmente o afro-caribenho e o asiático.

Eles passaram por todos os processos da exclusão social, sofreram a desvantagem que o racismo lhes impunha. (...) Sua história no pós-guerra tem sido marcada por lutas contra o preconceito racial, por confrontos com grupos racistas e a polícia, bem como pelo racismo institucionalizado e as autoridades públicas. (...) Em termos gerais, a maioria se concentra na extremidade inferior do espectro social de privação, caracterizada por altos níveis relativos de pobreza, desemprego e insucesso educacional. (HALL, 2001, p. 64)

Nota-se que as tensões sociais entre poder público, polícia e minorias étnicas, concentradas em bairros como Tottenham, Brixton e Peckham (em Londres) não são apenas decorrentes de fatos recentes. As manifestações contra *a cidade* demonstram que elas se posicionam não contra um governo especialmente xenófobo, nem contra uma força policial especialmente violenta, mas sim contra uma ordem social que é vigente desde o pós-guerra e que os marginaliza, os segrega e tenta impedi-los de serem incluídos ao *ser britânico*.

A homogeneidade assumida como natural e primordial numa nação é, na verdade o resultado de muito trabalho (histórico) para cobrir as diferenças e os elementos díspares. Não se pode tomar como dados nem a linguagem, nem a genealogia, e nem o território; em vez disso, (a homogeneidade) é suturada por estruturas específicas de retóricas de ícones e símbolos que constroem noções tanto de fronteiras quanto de pertencimento. (ANDERSON, 1991)³⁸

Essa fronteira, como entendida por Anderson, é o limite entre o ser britânico e o ser imigrante na Grã-Bretanha, construída e reafirmada simbolicamente todos os dias por discursos dominantes, entre eles o da mídia. O ataque da população é a essa fronteira conflituosa que estava, antes mesmo dos ataques, sendo percebida pela população, mas desconsiderada pela política e pela polícia local. Em uma entrevista emblemática à rede inglesa BBC, o militante e escritor Marcus Howe contesta a condenação da mídia aos protestos, afirmando que algo muito sério estava para acontecer no país: “Algo de muito, muito sério está tomando lugar neste país. Nossos líderes políticos não têm ideia, a política não tem ideia, mas se você observar os jovens negros e brancos, eles têm nos contato, e nós não os ouvimos” (HOWE, 2011).³⁹

Como explica Rolnik, essa segregação não é apenas problemática, mas também problematizante: “Do ponto de vista político, a segregação é produto e produtora do conflito social. Separa-se porque a mistura é conflituosa, e quanto mais separada é a cidade, mais visível é a diferença, mais acirrado poderá ser o confronto. (ROLNIK, 2004, p. 52)

5. O Acontecimento Discursivo

Parte do imaginário urbano, que compõe o discurso da cidade, é construído pelos chamados formadores de opinião. Gestualidade, conceitos e, principalmente, palavras e declarações são incorporadas ao imaginário coletivo, construindo uma noção de cidade/nação/comportamento que é mutável e influenciável.

Dentre os formadores de opinião, destaca-se o papel dos meios de comunicação. O que a mídia, de uma forma geral, noticia ou deixa de noticiar é base da formação de opinião do

³⁸ Tradução nossa. No original: “The assumed natural and primordial homogeneity of the nation is actually the result of much labour to cover over the differences and disparate elements. It can take as given neither language, genealogy nor territory and is instead sutured by specific rhetorical structures of icons and symbols which construct notions of both borders and belonging”.

³⁹ Tradução nossa. No original: “Something very very serious was going to take place in this country. Our political leaders had no idea; the police had no idea, but if you look at young blacks and young whites (...) they have been telling us, and we would not listen”

público. Enzensberger (2003, p. 80) utiliza o conceito de indústria da consciência para caracterizar essa relação entre meios de comunicação e sociedade: para ele, a maneira como é transmitida a informação possibilita aos meios moldar a consciência da “massa”. E é esse poder de, através das palavras, criar sentidos e difundi-los que estudaremos a seguir.

Para tanto, foram analisadas três capas de jornais britânicos do dia 9 de agosto de 2011. Os jornais foram escolhidos pela relevância no cenário nacional e por circulação: The Guardian e The Daily Telegraph estão entre os dez melhores jornais do mundo na lista elaborada pelo site InternationalMedia&Newspaper (2012). O outro jornal escolhido, The Daily Mirror, tem cunho mais popular e é o terceiro de maior circulação na Grã-Bretanha.

Outro critério utilizado para a escolha desses jornais foi a semelhança das fotos escolhidas para a matéria de capa – The Daily Telegraph e The Daily Mirror utilizaram a mesma fotografia, e The Guardian escolheu outra muito semelhante, tirada apenas uma fração de segundo antes da primeira.

Na análise, foram consideradas a disposição de textos e imagens e as chamadas das matérias.

5.1 The Guardian (Fig. 1)

A opção de foto do Guardian tem diferenças sutis para com a dos outros dois jornais. Nela, há uma mulher saltando da janela de um prédio na direção de pessoas que a segurarão, com chamas ao fundo.

Abaixo, uma matéria com foto sobre a crise do Débito nos EUA. Ao alto, acima do logotipo do jornal, aparece uma chamada para a coluna de economia de Aditya Chakraborty.

Nota-se o claro enfoque econômico dado à primeira página do The Guardian: das três matérias, duas são sobre a crise econômica, na Europa e nos Estados Unidos.

As leituras textuais não são imanentes. Toda uma sorte de cotextualidade influi sobre a interpretação. Olhando a página de jornal como uma textualidade com diversos textos e imagens,



Fig. 1

entendemos que ao optar pela exposição de notícias sobre a crise econômica, o periódico acabou por produzir efeitos de sentido diversos dos outros jornais, principalmente, pela associação sintática entre os significantes “crise econômica” e “revolta”.

O título escolhido pelo Guardian foi “*The Battle For London*”. Segundo o próprio jornal, que analisou as capas de outras publicações, seu título foi “bem mais prosaico, mas menos tendencioso que os seus rivais.”

Em uma rápida busca pelo título “A Batalha por Londres” na internet, constatamos que o termo é título de um livro de Bernard Cornwell: “*Sword Song: The Battle for London*”, que relata guerras na Baixa Idade Média entre saxões e dinamarqueses pela cidade romana. Bernard Cornwell é um conhecido autor de romances sobre a formação do Reino Unido, contos de unificação pelo Rei Arthur e guerras de conquista.

Um filme-propaganda britânico de 1941 também leva esse nome. O curta conta o impacto na capital britânica dos bombardeios de 1940 a 1941 – ressaltando o espírito de resiliência e força dos londrinos, que lutaram para manter a cidade viva.

O termo “Batalha por Londres” também é muito aplicado à disputa política pela prefeitura da cidade.

Desta forma, o título da matéria vem carregado de sentidos que atuam como uma rede de formulações já conhecida pelo leitor. É a memória da língua agindo sobre a leitura e os gestos de interpretação, sendo atualizada e deslocada por estes. Uma leitura possível, por exemplo, é a associação dos tumultos com aqueles momentos memoriais da Nação e/ou com formulações literárias, que de certa forma ajudaram a construir o imaginário urbano.

5.2 The Daily Telegraph (Fig. 2)

O Daily Telegraph utilizou uma foto muito semelhante à do The Guardian, de uma fração de segundo depois. A diagramação é em U, com a foto no centro, ocupando quatro colunas das sete do jornal.

Esta capa do Daily Telegraph ganhou, pelo Press Awards 2011, o prêmio de melhor primeira página do ano. Pode-se constatar que o destaque dado pelo Daily Telegraph às revoltas foi maior que o dado pelos outros



Fig. 2

jornais – praticamente toda a primeira página fala desse tema.

O “*Rule of the Mob*” (em tradução literal, “regra da multidão”, “lei da turba”) se estabelece como outro gesto de interpretação em relação ao The Guardian, e produz outros efeitos de sentido: o que está em jogo é o caráter anárquico do movimento. No Daily Telegraph, a história e, conseqüentemente, a política não aparecem como possibilidades de sentido.

Mas além do significado, ou sentido estabilizado, *Rule of The Mob* também faz ressoarem outros sentidos associados. Sentidos que também remetem a uma rede de formulações, embora bem diversa daquela evocada pelo The Guardian: remete, por exemplo, à música da banda britânica de Heavy Metal Black Sabbath, *The Mob Rules*. O som pesado da banda atua como intertexto a produzir sentidos sobre as manifestações populares, “som pesado” que não raro é associado, por um público mais conservador, à violência e à desordem.

Mas há mais sentidos nesta rede de memória. A página de desambiguação da wikipedia (utilizada para diferenciar termos com mais de um significado) afirma que Mob Rule pode significar:

1. Uma oclocracia, ou governo chefiado por uma massa de pessoas;
2. Máfia, ou outro tipo de organização criminosa;
3. Mob Rule, um jogo de computador criado em 1999.

O primeiro sentido é positivo, e de certa forma levaria à associação das manifestações com uma demanda da população por maior participação política, ou por melhor representatividade das minorias no governo. Já interpretação a partir do segundo significado atrela os tumultos a atividades criminosas, como gangues e máfias de minorias. Pela terceira significação, é possível que os atos de violência sejam percebidos como parte de uma estratégia, como no jogo supracitado; ou, em outra interpretação, vincular as manifestações à juventude, maior consumidora dos *games* para computador.

Não é possível definir qual leitura tornou-se hegemônica para o leitor britânico. Os muitos modos de ler a página do Daily Telegraph depende



Fig. 3

das posições discursivas em que se encontra cada leitor, cada sujeito. Mas é possível inferir que, considerado o público leitor típico deste jornal, tido como conservador, o gesto de interpretação formulado na capa produziu sentidos de recriminação, sentidos morais, mais que políticos.

5.3 Daily Mirror (Fig. 3)

O Daily Mirror é um bom representante do jornalismo tablóide britânico. Sua ênfase é em histórias sensacionalistas, especialmente criminais, colunas de fofocas de celebridades e horóscopo.

A capa do Daily Mirror do dia 9 de agosto é um exemplo: no alto, uma informação “exclusiva” sobre a cantora e apresentadora Coleen Nolan. Na lateral direita, uma propaganda separa uma notícia sobre treinamentos de defesa da Princesa Kate e uma nota sobre outro escândalo de Amy Winehouse – ambas as notícias com fotografias.

A mesma foto utilizada pelo Daily Telegraph ocupa a maior parte da página. O título, “Yob Rule”, ocupa a parte de cima da imagem, e dois subtítulos menores estão localizados na base: “Mulher salta por sua vida enquanto os tumultos se espalham” e “Polícia derrotada enquanto Primeiro Ministro retorna para discussão da crise”. Duas outras fotos superpostas mostram um manifestante depredando um carro da polícia e um policial, com sangue no rosto, sendo afastado da confusão por outro policial.

“Yob” é uma gíria britânica para jovem rude ou agressivo – gíria que talvez tenha surgido pela alteração da palavra “boy” (menino), lida ao contrário. A semelhança de “Yob” com “Mob”, presente no Daily Telegraph, também não é coincidência – a identificação fonética propicia a associação entre as duas palavras. Assim, o Daily Mirror associa os protestos não apenas com a “multidão”, mas também com a juventude.

As duas fotos escolhidas são ícones da violência das manifestações, complementando a significação do título. Um quadro com um pequeno texto, descrevendo as fotos e contextualizando-as com as manifestações, completa as informações página e encaminha o leitor para o interior do jornal.

Também o Mirror aponta para os sentidos morais, mais que políticos, circunstanciais, mais que históricos. Com a diferença de que, com Yob, uma marca linguística de jovens da periferia, ele aponta diretamente o culpado.

6. Os conflitos na imprensa nacional

Transportando este acontecimento discursivo para o cenário midiático nacional, podemos ter aproximações ou distanciamentos com relação a cada um dos sentidos atribuídos pelos jornais britânicos.

Deve-se, primeiramente, notar que os intertextos citadinos em que se percebe Londres e São Paulo têm, embora muitas diferenças, algumas coincidências notáveis. O fator imigração, que tanto pesa na Londres multicultural, também está presente na maior cidade do país. Lá, os imigrantes são majoritariamente egressos de países que compunham o Império, como as ex-colônias. Aqui, as origens são das mais variadas: Tivemos correntes migratórias de italianos, japoneses, libaneses, que hoje compõem colônias fortemente atreladas ao *ser* paulistano. Como Hall afirmou sobre Londres, que “os diferentes povos britânicos teriam se unificado ideologicamente para contrapor-se ao imigrante heterogêneo” (2001, p. 61), aqui também, o paulistano assimilou como próprias características das mais diversas fontes culturais. A diferença é que o imigrante heterogêneo, aqui, é o advindo de correntes internas.

O impacto sobre São Paulo dos migrantes nordestinos, que chegaram à cidade no meio do século XX, foi tão grande quanto os efeitos produzidos pelos imigrantes que vieram da Europa, do Oriente Médio e da Ásia, nas décadas anteriores. (...) Entretanto, os efeitos sociais e políticos foram sempre mais difíceis de digerir, como demonstram casos recentes (...) objetos em São Paulo de preconceitos nada sutis. (FONTES, p. 13)⁴⁰

Em São Paulo e em Londres, os alvos são invertidos (imigrante interno/externo) mas as tensões são semelhantes.

Analisa-se, assim, o discurso dos jornais da cidade de São Paulo, considerando-se previamente esta aproximação do discurso de dominância com a cidade inglesa. Os discursos das cidades têm este ponto de intersecção – resta ver se os jornais, um dos responsáveis pelas afirmações de sentido – também o possuem.

6.1 Folha de S. Paulo (Fig. 4)

⁴⁰ A referência feita ao nordestino, quando se trata das correntes migratórias internas para São Paulo, justifica-se pelos números da migração interestadual no Brasil. Na década de 60, cerca de 73% dos emigrantes para São Paulo eram advindos do Nordeste e de Minas Gerais. Este número está em redução, sendo que nos anos 80, 50% do imigrantes de São Paulo eram advindos do nordeste. É relevante, portanto, a presença nordestina no quadro populacional da cidade. (BRITO)

Na capa da Folha de S. Paulo do dia 09 de agosto, encontra-se uma chamada para o interior do jornal “Conflitos e Saques se espalham por Londres”, acompanhada de um pequeno lead, que ressalta as ações violentas e o retorno das autoridades locais, em férias, para a cidade. Não foi feita referência à motivação das manifestações, isolando, na capa, qualquer fator político ou social que poderia estar atrelado a elas.

Na Seção Mundo, o jornal dedicou uma folha inteira para o assunto. Uma foto ocupa boa parte do alto da página – simbólica, retrata um policial em frente a um prédio em chamas. Abaixo da foto, à direita, aparece um mapa, indicando a localização dos bairros atingidos pelas manifestações. Em duas colunas pequenas, à esquerda, foi traçada uma comparação entre as revoltas inglesas e as revoltas que aconteceram na França em 2005

Protestos e saques atingem diversos bairros de Londres
 Revolta juvenil provocou incêndios de casas, lojas e ônibus; em confronto policial, 215 são detidos

Polícia investiga se há conexão entre conflitos, distúrbios violentos de capital, e premiê interrompe as férias

Brasileiros relatam tensão e faltam ao trabalho por medo

Fig. 4

que, segundo o comentário, teriam sido motivadas por questões étnicas e de imigração. À direita aparecem depoimentos de brasileiros, moradores de Londres, relatando medo e susto com relação às manifestações. Uso de aspas em destaque, destacando a fala de insegurança dos entrevistados. A matéria principal, de três colunas, tem por título “Protestos e saques atingem diversos bairros de Londres”, e subtítulo “Revolta juvenil provocou incêndios de casas e ônibus; em confronto policial, 215 são detidos.” O Lead traz poucas informações: “Polícia investiga se há conexão entre conflitos; distúrbios vão além da capital, e premiê interrompe as férias”.

6.2 Estado de São Paulo (Fig. 5)

O Estadão publicou, na sua capa, uma foto de uma loja saqueada, com produtos espalhados no chão, indivíduos agindo ao fundo e um negro em primeiro plano, em destaque, não se sabe se agindo ou se escondendo-se. O título é Onda de Violências toma Londres, seguido por uma legenda explicativa da foto, que inclui uma retomada da causa dos protestos, o que não foi feito pela Folha.

No interior do jornal, uma página inteira também foi dedicada ao assunto na seção Internacional. O título traz a informação que a Folha só apresentou no lead: “Polícia britânica prende 215 após terceiro dia de violências em Londres”. Acima do título, a informação “Fúria Juvenil: Distúrbios começaram depois que policiais mataram um jovem em Tottenham, na semana passada; onda de vandalismo se espalhou pela capital e chegou a Birmingham, segunda maior cidade da Grã-Bretanha, deixando 35 policiais feridos.” A foto, no centro da página, mostra uma movimentação de pessoas em frente a um prédio em chamas. Mais abaixo, também foi utilizado um mapa da região. Na lateral direita, um comentário associa pobreza e desemprego às razões do levante, como é chamado.

Foi utilizada também uma linha do tempo dos acontecimentos, que incluiu uma foto de Mark Duggan. Na base da página, aparece uma matéria com o título “Aumenta a preocupação com segurança dos Jogos”, referindo-se ao policiamento durante as Olimpíadas, e um último comentário que associa o fechamento de clubes locais com a onda de vandalismo.

Polícia britânica prende 215 após terceiro dia de violência em Londres

Fúria juvenil. Distúrbios começaram depois que policiais mataram um jovem em Tottenham, na semana passada; onda de vandalismo espalhou-se pela capital e chegou a Birmingham, segunda maior cidade da Grã-Bretanha, deixando 35 policiais feridos

FOCOS DE REVOLTA

Pobreza e desemprego no coquetel do levante

Aumenta preocupação com segurança dos Jogos

Fechamento de clubes influencia vandalismo

Fig. 5

7. Considerações Finais

A contestação da ordem social vigente, do discurso da cidade se deu naqueles dias de agosto na forma de violência contra o espaço público. E este próprio discurso vigente é, em parte, constituído pela mídia formadora de opinião. Mas os jornais, algumas vezes, não apontam para os mesmos sentidos, não sustentam os mesmos discursos. Com isso a cidade também, como qualquer texto, é um espaço heterogêneo de sentidos, embora sempre haja como identificar discursos hegemônicos.

O caso analisado, a cobertura dos conflitos de Londres por três jornais locais e dois jornais brasileiros, mostra a importância de pesquisas empíricas que mostrem a constituição desta textualidade heterogênea que é a cidade, principalmente os grandes centros urbanos, marcadas, no contexto da globalização, pela complexidade identitária, pelo confronto permanente de percepções e discursos sobre o que a sociedade é e pode vir a ser.

Os jornais londrinos analisados apontaram para diferentes gestos de interpretação, embora o terceiro e o segundo sustentassem discursos mais próximos. Pela análise, percebemos a valorização, pelo Guardian, do contexto social em que as revoltas se inserem: o título, quase ufanista, e a colocação de outras matérias sobre crise econômica na mesma página, contextualizam as revoltas e, de certa forma, justificam a violência dos protestos.

O Daily Telegraph optou por uma nomenclatura ambígua do título, que tanto pode referir-se à demanda popular por mais participação política quanto aos tumultos, associados ao som do metal pesado ou à máfia, organização criminosa. No entanto, a disposição da matéria praticamente sozinha na primeira página pode ser uma tentativa de mostrar as manifestações como um fato isolado de outros acontecimentos, nacionais ou internacionais. Já o tabloide Daily Mirror enfocou mais na violência dos atos, com fotos mais chocantes que simbólicas. O uso de gíria no título é uma marca linguística clara de um discurso de recriminação àqueles que a usam.

Quanto aos periódicos brasileiros, é notável como a abordagem deles foi diferente. Enquanto o Estadão, já na capa e depois, por repetidas vezes no interior, traz à observância do leitor as razões desencadeantes do conflito, a Folha de São Paulo apresenta um foco muito maior na violência das manifestações. A Folha de São Paulo dedicou um espaço significativo da página a depoimentos de brasileiros que presenciaram os acontecimentos, o que, em conjunto com o artigo sobre a revolta francesa, coloca a imigração no centro da pauta. Nota-se, porém, que os imigrantes brasileiros foram retratados como observadores dos protestos, isentos de qualquer desconfiança e associação ao movimento.

Já o Estadão, além do foco no estopim dos protestos, também trouxe a associação entre pobreza e desemprego, ou seja, fatores sociais, com as manifestações populares. A preocupação com os Jogos Olímpicos na cidade também foi levantada, representando uma preocupação mais generalizada – pois a percepção do Estadão das revoltas é menos factual que a da Folha de São Paulo.

Traçando paralelos entre os jornais ingleses e os brasileiros, o discurso da Folha de São Paulo se aproxima muito mais da do Telegraph. Ambos passaram por uma tentativa de isolar o fato de suas implicantes sociais, e, embora a Folha tenha trazido à pauta a questão da imigração, seu objetivo era de isentar a parcela imigrante brasileira da população londrina das ações de vandalismo.

Enquanto isso, o Estadão está mais próximo da abordagem do Guardian. Os discursos dos dois afastam-se quando se trata de conceder uma explicação aos protestos: O Guardian mostra-se muito mais compreensivo com os manifestantes, associando-os a problemas econômicos. Porém, ao apontar a causa imediata dos protestos e os problemas sociais que os envolvem, o Estadão também os justifica – e é isso que aproxima os dois jornais.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Ben. **Imagined Communities** London: Verso. (1991)
- BRITO, Fausto. **Brasil, final de século: A transição para um novo padrão Migratório?**. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Brasil,%20Final%20de%20S%C3%A9culo%20-%20A%20Transi%C3%A7%C3%A3o%20Para%20Um...pdf>>. Acesso em 06 de outubro de 2012
- CANCLINI, Néstor García. **Imaginaros urbanos**. 3. ed. Buenos Aires: Eudeba. 2007
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.
- FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista**. São Paulo: Editora FGV, 2008.
- HALL, Stuart. A Questão Multicultural in: _____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- MOLINA, Matias M. **Os Melhores Jornais do Mundo: Uma visão da imprensa internacional**. Rio de Janeiro: Editora Globo. 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Unicamp. 1995.
- RAMOS, Tiago Roberto; PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. **A relação centro-periferia na discursividade da cidade**. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>> Acesso em: 28 de abril de 2012.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense. 2004. **Top 200 Newspapers in the world**. Disponível em: <<http://www.4imn.com/top200/>> Acesso: 05 de maio de 2012
- O OUTRO LADO dos conflitos de Londres – The Other Side of the London Riots – Darcus Howe BBC**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6W6DGJmi_30&feature=youtu.be> Acesso em 02 de agosto de 2012.
- List of Newspapers in the world by Circulation**. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_newspapers_in_the_world_by_circulation> Acesso em: 05 de maio de 2012

The Battle of London. Disponível em:
<http://en.wikipedia.org/wiki/The_Battle_of_London> Acesso em: 28 de abril de 2012

Definition of Language. Disponível em: <<http://www.asha.org/docs/html/RP1982-00125.html>> Acesso em: 23 de abril de 2012

List of Riots in London. Disponível em:
<http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_riots_in_London> Acesso em: 23 de abril de 2012

Disambiguation Page: Mob Rule. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Mob_rule>
Acesso em: 04 de maio de 2012

How the newspapers headlined the London riots. Disponível em:
<<http://www.guardian.co.uk/media/greenslade/2011/aug/09/national-newspapers-london-riots?INTCMP=SRCH>> Acesso em: 04 de maio de 2012

UK riots front pages – in pictures. Disponível em:

<<http://www.guardian.co.uk/media/gallery/2011/aug/09/uk-riots-front-pages-in-pictures?INTCMP=SRCH#/?picture=377715834&index=16>> Acesso em: 02 de maio de 2012.

Histórico dos Acontecimentos em Londres baseia-se em:

<<http://www.guardian.co.uk/uk/blog/2011/aug/09/london-riots-violence-looting-live#block-95>>

<<http://www.independent.co.uk/news/uk/crime/the-night-that-rioters-ruled-and-police-lost-control-of-the-streets-of-london-2335067.html>>

<<http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/london-riots-more-than-2000-people-185548>>

<<http://news.sky.com/home/uk-news/article/16046035>>

<<http://www.guardian.co.uk/uk/2011/aug/07/tottenham-riots-peaceful-protest>>

<<http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-london-14443311>>